

REVISTA

FAROL

FACULDADE ROLIM DE MOURA

ISSN Eletrônico: **2525-5908**

www.revistafarol.com.br

ISSN Impresso: **1807-9660**

Vol. 11, Nº 11. 2020 - Novembro

Contato: revista@farol.edu.br

AS EXPERIÊNCIAS SUBJETIVAS DE PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO DE AGENTES PENITENCIÁRIOS DE UMA CIDADE DO INTERIOR DO ESTADO DE RONDÔNIA

Roger Giovane Rodrigues

Elizangela Codinhoto

AS EXPERIÊNCIAS SUBJETIVAS DE PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO DE AGENTES PENITENCIÁRIOS DE UMA CIDADE DO INTERIOR DO ESTADO DE RONDÔNIA

Roger Giovane Rodrigues¹
Elizangela Codinhoto²

Resumo: Este artigo aborda uma investigação sobre prazer e sofrimento no trabalho de Agente Penitenciário a luz da psicodinâmica do trabalho. Num primeiro momento faz-se um levantamento teórico referente aos seguintes: prazer e sofrimento no trabalho, estratégias defensivas, estratégias de enfrentamento e atuação do trabalho do Agente Penitenciário. Vivencia-se o sofrimento em diversos contextos do trabalho, como o sofrimento criativo e patogênico. O objetivo geral do presente estudo, visa compreender as vivências de prazer e sofrimento no trabalho dos Agente Penitenciário de uma Penitenciária do Estado de Rondônia. Utilizou-se para tal, o método qualitativo. Para a coleta de dados, foi elaborado um questionário semiestruturado com 17(dezessete) perguntas. A análise dos dados se deu por meio do método de Análise de Conteúdo de Bardin (2011). Em relação ao prazer no trabalho, verificou-se que sobressai o relacionamento afetivo e união entre os pares. As causas de sofrimento se estabelecem em: não valorização do seu trabalho, desvalorização pessoal e financeira, desvalorização das mulheres em relação aos homens. As estratégias de enfrentamento encontradas são: Finalizar o plantão, estudar para passar em outro concurso e o uso de atividades físicas para aliviar a tensão. Já as estratégias defensivas são: as trocas de plantões, uso de bebida alcoólica e agressividade com a família. Quanto aos fatores que levam os Agente Penitenciário ao adoecimento verificou-se principalmente: cansaço pelo tempo de serviço, conflito entre os pares, adoecimento pelo trabalho, perseguição e insônia.

Palavras-chave: Agente Penitenciário. Prazer. Sofrimento. Estratégias defensivas. Estratégias de Enfrentamento.

THE SUBJECTIVE EXPERIENCES OF JOY AND SUFFERING IN THE JOB OF PENITENTIARY OFFICERS OF A CITY IN INTERIOR RONDÔNIA STATE

Abstract: This paper covers an investigation about joy and suffering in the jobs of penitentiary officers at the light of psychodynamics of work. At first, a theoretical research has been conducted about the following subjects: joy and suffering at work, defensive strategies, coping strategies and work activity of the job of a penitentiary officer. Suffering is experienced in several work contexts, such as creative and pathogenic suffering. The general objective of this study aims to understand the experiences of joy and suffering in penitentiary officers of a Rondônia State Penitentiary. For such, it was used the qualitative method. For data collection, it was used a quiz semi-structured with seventeen questions. The data analysis was made through Bardin's Content Analysis (2011). Related to joy in workplace, it was verified that affective relationships and peer bonding are the most prominent. The causes for suffering are established through: undervaluing of the job, wage and personality devaluation, devaluation of women in regard to men. The coping strategies found to be used by them are: waiting for the end of their shifts, studying for another public job and physical activity for tension release. Defensive strategies are: shift changes, alcoholism and aggressiveness towards family. The factors that lead officers to poor health are verified in this paper to be mainly due to career fatigue, peer conflicts, work-related diseases, harassment and insomnia.

Keywords: Penitentiary officer. Joy. Suffering. Defensive strategies. Coping strategies.

*Trabalho apresentado à Faculdade de Rolim de Moura – FAROL, como requisito final de avaliação para conclusão do curso de Graduação em Psicologia, 2019, orientado pela professora Ms. Elizangela Codinhoto. E-mail: elizangelacodinhoto@hotmail.com.

¹ Graduado em Psicologia, Assistente Administrativo na Faculdade de Rolim de Moura – FAROL. E-mail: roger-giovane@hotmail.com.

² Mestre em Psicologia. Prof^a. na Faculdade de Rolim de Moura – FAROL. E-mail: elizangelacodinhoto@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

A forma como o indivíduo se relaciona com o trabalho em sua estrutura organizacional, é o que a teoria de Dejours busca esclarecer acerca do prazer, do sofrimento, das estratégias defensivas e de enfrentamento. Esta elucidação é o que está presente na Psicodinâmica do Trabalho.

A Teoria de Psicodinâmica assume o papel em dizer que o trabalho não existe sem o sofrimento, sendo inseparável da experiência do trabalhador. A construção do sujeito se dá mediante as superações oriundas de obstáculos em ambiente organizacional. Entende-se então, que a Psicodinâmica do Trabalho é a ciência que estuda como a organização do trabalho está afetando os colaboradores.

O levantamento bibliográfico utilizado para a fundamentação teórica implica em apontar como o prazer e sofrimento no trabalho está relacionado com a organização do trabalho, e identificar o que autores que se dedicam a teoria Dejouriana produziram podendo então comparar com a pesquisa de campo realizada em setor Penitenciário.

Os dados coletados, mostram que este ambiente de trabalho apresenta características de prazer e sofrimento mediante a pesquisa coletadas nos Agente Penitenciário, com um questionário semiestruturado. As informações coletadas se deram por meio de um gravador e após isto, transcrito e analisados bibliograficamente com teóricos que abordam a temática Dejouriana.

Por acessibilidade, entrevistou-se o número mínimo exigido para confiabilidade científica dos dados estatísticos, buscando confirmar dados já pesquisados por outros autores da linha Dejouriana de base analítica. A amostra total consistiu-se aproximadamente em 90 (noventa) Agente Penitenciário, sendo que a coleta de dados resultou na participação de 14 (quatorze) sujeitos, compreendendo 15,55% dos pesquisados.

Os descritores utilizados na apreciação dos dados, podem ser encontrados no banco de dados do Google Acadêmico abordando os seguintes temas: o que é trabalho, o que é prazer e sofrimento no trabalho, psicodinâmica do trabalho, o que são estratégias defensivas, definição de estratégias de enfrentamento, atribuições do Agente Penitenciário e, definição de trabalho.

A organização deste trabalho corresponde ao desenvolvimento composto por subtítulos de assuntos relevantes e fundamentados, matérias e métodos utilizados na pesquisa, apreciação dos resultados e discussões, considerações finais e as referências.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Prazer no trabalho

O trabalho é entendido por um universo de significados, descritos como sacrifício, sobrevivência, realização, formação da identidade e *status* social, cujo qual as transformações trouxeram implicações aos modos de viver dos trabalhadores. O prazer é naturalmente edificante enquanto o sofrimento é desestabilizante, e para lidar com o sofrimento, o sujeito busca desenvolver estratégias de defesa, sendo elas coletivas ou individuais (TSCHIEDEL; MONTEIRO, 2013).

As características que o trabalho proporciona, é o que se diz em estar satisfeito com o trabalho, tornando prazeroso as expectativas dos trabalhadores. Alves e Binder (2014) dizem que estar satisfeito é o sentido da relação do trabalho com o estreitamento de sua valorização social, assim como, possibilidades de ascensão na carreira, reconhecimento e sistema de recompensa e remuneração, relação com colegas e chefias, conteúdo e as condições físicas do ambiente em que o trabalho é realizado.

Como fonte de prazer, o trabalho deve possibilitar a aplicação da inteligência do colaborador e o reconhecimento de se sentir importante para a organização. Mediante ao que Tschiedel e Monteiro (2013) evidenciam, o prazer do trabalhador se dá quando suas atividades são reconhecidas e valorizadas pela organização, tornando então, estruturante a identidade do indivíduo, mas quando não é significativa, se torna fonte de sofrimento.

O prazer para a Psicodinâmica do Trabalho, está designada para a realização profissional e a liberdade de expressão, o que resultam em vivências de prazer no contexto de labor³. É descrito em duas instâncias, primeiro, gratificação profissional, orgulho e identificação com o trabalho, e a segunda, nas vivências de liberdade para pensar, organizar e falar sobre seu trabalho (GLANZNER et al., 2017).

2.2 Sofrimento no trabalho

De acordo com Tschiedel e Monteiro (2013) o sofrimento sempre existirá, mas poderá ser amenizado, evitado ou ressignificado. O sofrimento em si, não é sinônimo de doença,

³ Significa trabalho, relacionada ao peso do trabalho sendo uma atividade mais sofrida.

assim como o prazer, não é sinônimo de saúde.

Oliveira e Mendes (2014) esclarecem que o sofrimento pode ser vivenciado em diferentes contextos, como; sofrimento patogênico já elucida a fragilidade da saúde do trabalhador, já encontrando em soluções desfavoráveis a saúde, em vias de adoecimento gerando a descompensação, e o sofrimento criativo, onde o sujeito elabora estratégias para favorecer a produção na empresa, possibilitando a resistência a desestabilização, já que o sofrimento será inevitável.

Carvalho e Gagliardi (2014) apontam que o sofrimento surge quando o homem começa a sentir o esgotamento (desprazer), onde já utilizou todo o conhecimento para evitar sofrimento, e não consegue alterar de atividade, levando então o trabalhador a se tornar desmotivado e ansioso.

Dejours (2012a) ao mencionar sobre o trabalho real, aponta a diferenciação do homem e da mulher, que por conta da dominação de homens, se encontram injustiçadas e se sentindo desvalorizadas pelo saber profissional.

2.3 Estratégias defensivas

Para diminuição do sofrimento, são utilizadas formas como, estabilidade financeira e busca de estratégias individuais para combater o adoecimento, como a mudança de setor e o prazer fora do trabalho utilizando de sua criatividade, como; criação de desenhos, estudos, ministrar aulas, escrever artigos, livros, tocar em bandas de música (AUGUSTO; FREITAS; MENDES, 2014).

O objetivo das estratégias defensivas no ambiente organizacional, consistem em buscar soluções para realizar autodefesa em contexto empresarial, levando a produções de serviços voltados para inovação e sustentabilidade (SOUZA, 2015).

O trabalhador pode investir sua criatividade desenvolvendo estratégias diante do sofrimento, e desta forma, são agregadas defesas no campo subjetivo de forma inconsciente, utilizando para negarem a angústia dos afazeres, evitando ou diminuindo medos e inseguranças (ANDRADE, 2017).

Dejours (2012b) define que dentro de uma organização o sujeito pode apresentar tanto Estratégias Individuais, quanto, Estratégias Coletivas, visando lutar contra o aborrecimento, angústias, monotonia e as sobrecargas de tarefas.

2.4 Estratégias de enfrentamento

Para permanecer em seu trabalho, o colaborador utiliza de estratégias de enfrentamento baseada em mecanismos de denegação daquilo que o leva a sofrer, este funcionamento é inconsciente. É reforçada pelas condições que beneficiam as mobilizações subjetivas, e algumas delas está ligado ao autocontrole, negação do sofrimento, as fofocas, desconfiança, o silêncio, isolamento, agressividade e assistencialismo (CODINHOTO, 2014).

O sofrimento é situado no ponto de partida da inteligência, sendo necessária para perseverar na provação efetiva do que é imposta ao real do sujeito, onde o sofrimento acaba por se tornar uma exigência de superação, tratando então, da subjetividade (DEJOURS, 2012a).

2.5 Compreendendo a Psicodinâmica do Trabalho

Psicodinâmica do trabalho é uma abordagem científica que tem como objetivo, estudar o sujeito em sua relação com a organização do trabalho. Em determinados contextos de trabalho, a organização produz sobre o homem, ações em seu aparelho psíquico, surgindo o choque entre a busca do desejo pessoal do trabalhador e uma organização que não acolhe os sonhos e esperança de seus operários (AUGUSTO; FREITAS; MENDES, 2014).

Christophe Dejours é pioneiro da escola de Psicologia do Trabalho, através de suas ideias e de pesquisas relacionados ao prazer e ao sofrimento em ambiente de trabalho. A qualidade de sua produção teórica, a riqueza das formulações metodológicas e novas descobertas, se devem ao estudo das relações entre saúde mental e trabalho. Com o passar dos anos a escola de Psicologia do Trabalho assume a denominação de Psicodinâmica do Trabalho (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1994).

Bendassolli e Soboll (2011) esclarecem que a Psicodinâmica é analisada nas perspectivas sociopsíquica do trabalho, a partir das vivências subjetivas de prazer, de sofrimento, dos mecanismos de defesa e da mediação do que se trata o sofrimento.

A Psicodinâmica do Trabalho implica em compreender os possíveis destinos do sofrimento, podendo ser transformado em uma criatividade prazerosa, ou apresentar o adoecimento perante a frustração. O objeto de estudo visa apresentar as vivências em contexto trabalhista, que, não existe trabalho sem fonte de sofrimento, tornando então, inseparável da experiência profissional, como; sentimentos de fracasso ou frustrações (SOUTO et al., 2017).

2.6 O Agente Penitenciário

Para uma melhor compreensão do que é a atuação penitenciária, Jaskowiak e Fontana (2015) alegam que o Agente Penitenciário é um trabalhador de serviço público que exerce uma função de alto risco, como salvaguardar a sociedade civil, desempenhando atividades de média complexidade que exigem planejamento, organização e execução de serviços de vigilância, custódia e segurança de infratores recolhidos nos ambientes prisionais, vindo a executar programas de ações de apoio ao tratamento penal da ressocialização.

Usualmente, o trabalhador do sistema penitenciário é retratado de forma depreciativa, sendo classificado como uma ocupação arriscada e estressante. Analisar e entender a influência que a organização do trabalho exerce no agente, aponta em outros contextos, como a qualidade de vida e a saúde mental estão relacionadas com o desgaste e o adoecimento do trabalhador, o que podem levar a diversas formas de sofrimento, adoecimento e exclusão (TSCHIEDEL; MONTEIRO, 2013).

Os ambientes carcerários contêm próprias características, contendo alta carga psicoemocional como; tensão, pressão, perigo, etc., e quando se direciona a prisão, grande parte das pessoas compreendem somente a questão física, como, muros, cercas, portas trancadas e janelas com grades. Pinto e Oliveira (2018) relatam que o Agente Penitenciário mesmo exposto ao risco pode não ser notado pela sociedade, afetando diretamente sua qualidade de vida.

A subjetividade implica em se expressar de forma simbólica e emocional, atribuindo a diversidade de experiência de um indivíduo ou de um grupo; este processo define que a qualidade de vida dos agentes é implicada mediante suas vivências (REY; GOULART; BEZERRA, 2016).

A palavra trabalho apresenta muitos significados, na língua portuguesa existem termos como labor e trabalho, ambos expressam o sentimento de busca pelo reconhecimento social, um esforço rotineiro e repetitivo, sem liberdade e até um incômodo que não pode ser inevitável (ALBORNOZ, 2004).

3 MATERIAIS E MÉTODOS

A coleta de dados se originou mediante a carta de anuência aos Diretores das Penitenciárias, que ocorreram nos dias e horários pré-estabelecidos pelos mesmos, buscando

atender a acessibilidade das penitenciárias e não interromper a rotina de trabalho dos Agente Penitenciário. Buscou-se atender quatro agentes semanais em dois dias da semana, quintas e sextas-feiras. O parecer dado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) encontra-se no CAAE: 12861719.8.0000.5605.

Os instrumentos utilizados para coleta de dados se deram por meio de anotações no Diário de Campo e as entrevistas de modelo semiestruturadas gravadas por um aplicativo de celular com gravador para, coletar o máximo de informações necessárias para os dados apresentados.

Foram agendadas e confirmadas com os diretores para que não houvesse divergência nos plantões. Todas as entrevistas ocorreram nas Penitenciárias. Antes de iniciar as gravações, houve o esclarecimento de quesitos éticos ofertados pelo CEP e a responsabilidade da pesquisa. A seguir, pedia-se sua anuência através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Entrevistou-se quatorze Agentes Penitenciários ao todo, sendo que apenas um deste, não permitiu sua voz ser gravada. O tempo médio das entrevistas foi de 30 (trinta) minutos. A coleta de dados ocorreu entre os meses de agosto e setembro. Não obteve um número maior de entrevistados pelos seguintes motivos: atraso ao receber o parecer do CEP e agentes que se recusaram a participar da pesquisa.

A análise de dados se baseou ao livro de Análise de Conteúdo de Bardin (2011), na qual, buscou-se anotar comportamentos e expressões com o Diário de Campo. Com a autorização dos entrevistados, gravou-se as expressões verbalizadas e posteriormente, realizou-se a transcrição das falas.

Para manter a integridade dos sujeitos sem expor seus nomes, optou-se por inserir uma letra e um número. A seguir será apresentado a letra e o número de cada um: A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10, A11, A12, A13 e A14.

Os sujeitos compostos por A11 e A13, tiveram sua participação analisada mediante Diário de Campo, por seguintes motivos; recusou a realização da gravação de voz e/ou, respondeu sem manifestar seus desejos e angústias.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta etapa visa expor os dados coletados na pesquisa de campo e simultaneamente realizar a análise das falas, do Diário de Campo e o debate teórico da teoria Dejouriana acerca

do fenômeno investigado. Os dados serão apresentados em quatro tópicos: 1) O que causa prazer no Agente Penitenciário; 2) O que causa sofrimento no Agente Penitenciário; 3) Estratégias de enfrentamento e Estratégias defensivas coletivas e/ou individuais; 4) Consequências físicas ou psíquicas desencadeada pelo sofrimento no trabalho.

4.1 O que causa prazer no trabalho de Agente Penitenciário: “[...] *Tranquila, muito boa, uma das partes boa do sistema é esse que pelo menos entre as equipes o relacionamento é muito bom*” (A1).

Por meio da análise feita das falas dos sujeitos, **a relação com os colegas** é algo que dá prazer e também **confiança**. Os relatos a seguir, mostram trechos onde a relação e/ou união entre os pares causam prazer:

“Tranquila, muito boa, uma das partes boa do sistema é esse que pelo menos entre as equipes o relacionamento é muito bom” (A1); “é uma classe bem unida, mas sempre tem aqueles que jogam contra a classe” (A4). “[...]minha relação com eles é muito tranquila, muito boa[...] (pergunto se essa relação é muito importante) muito importante, na realidade, minha relação com os colegas no ambiente de trabalho, se ela for uma relação não muito boa vai influenciar no trabalho, na segurança por exemplo, confiança, aqui, eu posso dizer com clareza que posso fechar os olhos que posso ter confiança em todo mundo” (A10). “À rotina com os colegas é tranqüilo, a relação é tranqüilo” (A12);

Com os comentários supracitados, Alves e Binder (2014) confirmam a teoria de Dejours, quando apontam que a satisfação do trabalho é mediante sua relação com o meio social, união com os colegas e a chefia, conservar-se parte do estreitamento da gerencia de prazer.

Foram encontrados **poucos momentos de gozo** relacionados ao trabalho, assim como aponta: *“Aí pai, não sei te responder! Não sei se me deixa feliz vir aqui” (A7)*. Nota-se que não se sente feliz, cumprindo apenas suas obrigações, independentemente de onde esteja. Mas ainda relata que *“Eu me sinto bem de estar indo embora, indo para minha casa” (A7)*.

4.2 O que causa sofrimento no trabalho de Agente Penitenciário: “[...] *muitas vezes o trabalho não é reconhecido, não é valorizado*” (A2).

Não valorização do seu trabalho: Dada às expressões a despeito do sofrimento, aponta-se cinco expressões de sentimentos que podem estar ligadas à causa do sofrimento.

1) *“basicamente nuuuuh nuuh, não muda muita coisa é, é, não traz muita valorização*

da questão do salário muito, muito baixo” (A1);

2) “Muitas vezes não é reconhecimento (trabalho) não é valorizado” (A2);

3) “Sem desconto nenhum recebo 2 e 400 (dois mil e quatrocentos), esse mesmo salário mesmo eu recebia a 8 (oito) anos” (A3);

4) “Então você tem aquele pensamento não vou me dedicar exclusivamente ele na situação que vai se encontrar hoje a gente não está nessa posição muito tempo sem reajuste da inflação financeira” (A12);

5) “Veja bem, valorização, valorização a gente sente a nossa própria valorização e em relação a governo a gente se-sente que não” (A14).

Oliveira e Mendes (2014) apontam os diferentes contextos de sofrimento, como o patogênico e o criativo. Contexto acima ainda se encontra em aspecto **criativo** onde grande parte dos agentes pesquisados realizam a compensação de estudar para novos concursos (anotações realizadas mediante Diário de Campo (A11-A13)).

“O Agente Penitenciário (pausa na fala), o policial civil é visto pela sociedade como um herói e o Agente Penitenciário vive escondido atrás de muros, entendeu” (A1); “não é valorizado pela sociedade” (A6); “Por que afeta o pessoal é, é questão do salário que afeta, hoje se eu aposentar não tenho condição de criar meus três filhos [...] salário não compensa, tem ameaça de morte, doença... Hoje, hoje mesmo, tem uma sala que eu evito de entrar, tem um preso com carga viral muito alta com hepatite e um monte de doenças, e se tiver com imunidade baixa acaba pegando também” (A8); “É um trabai que eu gosto de fazer, já faço a bastante tempo e me sinto assim, até tranquilo por realizar esse trabalho, tem algumas dificuldades que a gente sempre tem, que é a questão salarial ie ie mais ou menos isso ai” (A14).

Desvalorização pessoal e financeira: Sempre haverá sofrimento, contudo, pode-se utilizar formas para poder evitar, ressignificar e até mesmo, amenizar a causa. É elevado a capacidade psíquica do Agente Penitenciário quando se sente somente dentro muros, cercas e grades, sem os devidos reconhecimentos financeiros, pessoais e sociais (TSCHIEDEL; MONTEIRO, 2013; PINTO; OLIVEIRA, 2018).

É expresso o sentimento de sentir a **desvalorização das mulheres em relação aos homens**, como:

“[...] E aí por conta disso, 24 horas pensando, meu Deus, mas o meu trabalho não está sendo reconhecido, né. Você aqui dentro você não é reconhecida pelas pessoas [...] treinamento e cursos, para nós quase não vem nada, muitas vagas, mas maioria só masculina” (A5).

O comentário supracitado apresenta a irritação do (A5), onde a desvalorização não é

somente financeira, mas a falta de reconhecimento quando acontece cursos, e grande parte destes, é de finalidade masculina. Pinto e Oliveira (2018) esclarecem em seu discurso que os Agente Penitenciário mesmo estando exposto a um ambiente de risco não são lembrados pela sociedade, interferindo na qualidade de vida.

Dejours (2012a) trata os aspectos acima citado como: o trabalho real, onde a dominação do homem sobre a mulher, apresenta injustiças referente a categoria. O sujeito (A5) ressalta que, “*mas a gente sente assim, que o nosso trabalho parece que não é tão importante quanto o trabalho deles*”.

4.3 Estratégias de enfrentamento e Estratégias defensivas coletivas e/ou individuais: “*eu sempre procuro não levar ele (trabalho) para casa né [...]*” (A4).

Estratégias de enfrentamento: As expressões do sentimento ao sair do local de trabalho, é entendido como um dos recursos para escapar do sofrimento, composto por **finalizar o plantão**, como: “*Ai, eu me sinto aliviado (riso alto) de ter saído dali, aliviado de ter terminado o plantão e dado nada de errado saído dali sã e salvo*” (A1); “*eu sempre procuro não levar ele para casa né [...]*” (A4). O estresse em Agentes Penitenciários é expresso a seguir:

“Ô Veja bem... O ambiente que você tá, é um ambiente fechado né. Eu sempre falei para os colegas, aqui você não é encarado (pausa da fala) você vê as pessoas te olhando, veja bem, você vê um preso te olhando ele não te olha com bons olhos por mais que ele trate você bem, mas não te olha com bons olhos sempre que ele vai pedir ele vai solicitar alguma coisa, sua, ele não vai não vai com aquele, aquele, aquela amizade, entendeu, que vê no dia das pessoas, são pessoas que olham para você com carga negativa” (A14).

A atribuição dada ao Agente Penitenciário é considerada de alto risco, por exemplo; ressocialização, o sofrimento vivenciado nas experiências que levam o sujeito a presenciar o que é o real do trabalho (JASKOWIAK; FONTANA, 2015; DEJOURS, 2012a).

Codinhoto (2014) aponta que para evitar o sofrimento, utilizam-se estratégias de enfrentamento, negação do sofrimento e o autocontrole compreendem o contexto citado. A ansiedade é um fator encontrado presente e uma forma para enfrentar, isto é, mediante a **prática de exercícios físicos**, elucidada nas expressões:

“[...] Melhorei muito depois que comecei a fazer exercício físico, me controlo muito” (A8); “aí a gente tem que procurar um meio externo aí família né i, i fazer uma atividade física ir à igreja para poder pedir a Deus conforto do dia a dia se

apegar a família e fazer algum esporte” (A14).

Estratégias defensivas coletivas e/ou individuais: Dejours (2012b) afirma que para o trabalhador se livrar do aborrecimento originado pela organização, os sujeitos utilizam de Estratégias Individuais e/ou Coletivas. Outro fator encontrado como Estratégia defensiva individual é a **troca de plantões**, assim como descrito:

“trabalho de 24 por 36, houve mudança. Com essa nova escala, tenho que vir quase todo dia. É importante esse descanso [...]” (A7); (A4) relata: “tem plantões que acontece que te deixa irritado, te deixa ansioso, você fica 24 horas dentro tranquilo e no outro não”.

Como Mecanismo de Defesa Coletivo, ao sair do local de trabalho, acabam realizando o **uso de álcool para alívio de tensão**, assim como:

“Cara, geralmente o que sempre faço, saio com os meus amigos, saio para beber” (A7); “antes o que eu fazia... Juntava os amigos, salgava uma carne e bebia até cair, deitar e dormir e acabar, única coisa” (A8).

Agressividade com a família: A expressão dita a seguir, demonstra que os agentes são levados ao extremo em suas condições, e demonstram que o ambiente de trabalho pode apresentar condições que desencadeia agressividade:

“Então, na verdade que eu queria dizer no que o serviço influencia na sua vida, a gente se torna um pouco insensível, entendeu, a vida vai ficando mais dura, vai ficando com mais coragem, diante a situação, o serviço vai incorporando em você [...] o serviço se torna parte da vida delas, como vou te explicar, as pessoas vão se transformando [...]” (A1).

“Olha, é, é... Raro, acho que, eu me lembre foi só uma vez que aconteceu, mas foi algo assim bem, bem extremo, por que logo no início por que foi uma ameaça mesmo, o rapaz chegou bêbado eai o procedimento é você pegar e levar por que não tinha bafômetro e era o semiaberto né. Leva no bafômetro, leva no hospital por que não tinha e nesse procedimento ai ele ameaçou eu, ameaçou mais dois colegas disse que ia matar, ia matar, eai a gente filmou e falomo que tamo filmando e falou: vocês vão morrer assim mesmo. O problema é depois né, depois que acontece antes que tá bebo, beleza. Mas depois ele continuo ameaçando a gente eae assim, eu fiquei um pouco... nervoso assim [...]” (A10).

“Leva sim, leva. (Pergunto se ele percebeu o comportamento) [...] Normalmente depois de um plantão quando tem problema, você passa uns dois dias assim com o reflexo daquilo ai, quando tem situação de fuga, alguma coisa que acontece no plantão. Normalmente quando acontece alguma coisa no plantão, demora você (suspirou e finalizou a frase)” (A9).

As três locuções acima, apresentam condições de trabalho que leva o sujeito a se tornar agressivo. Codinhoto (2014); Carvalho e Gagliardi (2014), em suas pesquisas,

apresentam que os trabalhadores tendem a tentar esquecer o seu trabalho, negando a existência para não sentirem o desprazer, mas agressividade pode ser explicada como um mecanismo de defesa para lidar com o medo e a hostilidade, podendo utilizar tanto da agressividade, como o assistencialismo, podendo se tornarem ríspidos ao se expressarem. Mas nas expressões mencionadas, compreende que em situações o sujeito acaba se incorporando no trabalho e levando suas vivências ao lar.

4.4 Consequências físicas ou psíquicas desencadeada pelo sofrimento no trabalho: *“hoje estamos tomando remédios, não tomava, mas depois que comecei a exercer essa profissão comecei para poder dormir e controlar a ansiedade [...]”* (A4).

O se sentir desvalorizado e estar descontente, pode então gerar o **cansaço pelo tempo de serviço** é o que pode estar levando o sujeito ao adoecimento, assim como nota nas falas a seguir:

“o cara ta aqui, você cumpre praticamente a pena junto com ele [...] quando entrei, era muito mais empolgado, ao longo do tempo vai desanimando daquilo ali” (A1); *“hoje estamos tomando remédios, não tomava, mas depois que comecei a exercer essa profissão comecei para poder dormir e controlar a ansiedade [...]”* (A4). *“[...] para mim não está bom, porque não é valorizado pela sociedade [...]”* (A6);

Mediante ao contexto mencionado acima, compreende-se que no ponto de vista de Oliveira e Mendes (2014) estes podem estar vivendo um sofrimento patogênico, onde não há uma presença em si de criatividade, sujeitos já podem estar doentes, causando descompensação de suas áreas psíquicas.

Conflito entre os pares: Em duas falas, nota-se também a presença de desprezo, quando estão doentes (por afastamento médico e/ou psicológico) ou, apresentam indiferença com os colegas:

“Não abriu o portão entendeu se é um colega que você tá todo dia vendo ele todo dia é tratado com desprezo [...] no meu ponto de vista o que devia fazer era ter um ambiente de alegria e descontração” (A2).

O sujeito se sentiu rejeitado por estar afastado, e gostaria de ser tratado como quando estava a serviço (anotação mediante Diário de Campo (A2)). *“[...] dá mais trabalho os companheiros de serviço do que os presos. Muita falsidade, quer puxar o tapete do outro, não tem não tem o coleguismo de trabalho”* (A7).

Souto *et al.* (2017) elucida o comentário a cima, diante a Psicodinâmica do Trabalho, destinado ao sofrimento, diante de uma situação frustrante o sujeito pode ser redirecionado a um sofrimento ou adoecimento.

As anotações do Diário de Campo abordam, que os agentes sempre se retratam em terceira pessoa, e sempre de forma **adoecida pelo trabalho**.

“Tive muitos colegas que se suicidaram [...] tem problemas de pânico iii e começa a tomar remédio, busca psiquiatra, é o transtorno de pânico” (A1); “fala que é zica de cadeia, coceira na pele” (A3); “uns colegas de trabalho meus são depressivos e fazem uso de medicamentos para controlar” (A4); “presos tem tratamento médico, psicológico enquanto tem colegas que por exemplo precisão por doença ou acidente, o salário cai pela metade” (A12).

O sentimento de **perseguição** (sofrimento patogênico), é desencadeado por quase todos os presentes, assim como apontado por:

“Então na verdade que eu queria dizer no que o serviço influencia na sua vida a gente se torna um pouco insensível, entendeu, a vida vai ficando mais dura, vai ficando com mais coragem, diante a situação” (A1); “o trabalho leva a essa mania de perseguição, sempre alguém atrás de você [...] qualquer lugar pra mim, tenho que sentar de costas para parede” (A3); “a gente tinha aquela atenção de chegar em casa e com medo de sair de casa por que o preso tá na rua” (A4); “você não tem mais a liberdade de antes de ser agente [...] tem certos lugares que a gente tem que evitar de ir” (A12).

Nota-se que que ao se tornarem Agentes Penitenciários, tiveram suas vidas mudadas, não se fazendo presente em determinados ambientes de lazer. Augusto, Freitas e Mendes (2014) afirmam que em determinados contextos de trabalho e/ou organização, podem produzir sobre o homem choques entre o desejo pessoal e o que organização oferta.

Insônia: encontrado como um fator desencadeado pela ansiedade e angústia do colaborador. “[...]Sair com a carga meio estressado entendeu, você não dormir à noite é, e muito difícil isso aí” (A14). Danos psicológicos podem ser causados mediante a sobrecarga emocional que um ambiente de trabalho pode ofertar, apresentando sintomas como; consumo excessivo de álcool, doenças psicossomáticas e angústias (CARVALHO; GAGLIARDI, 2014).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As hipóteses e os objetivos levantados no projeto mostraram-se satisfatórias e

alcançadas, diante dos dados coletados e discutidos com os teóricos achados nos estudos para este artigo. Compreende-se a necessidade de realizar uma pesquisa continuada a nível *Stricto Sensu*, podendo então utilizar mais recursos disponíveis, como, número maior de sujeitos a serem entrevistados e aumento de laudas a serem consolidadas.

Nota-se o desencadeamento frequente de fatores relacionados a ansiedade, não dormir à noite e angústia no trabalho dos agentes, sendo alguma das causas encontradas e desenvolvidas pelo trabalhador do sistema prisional.

Com os resultados obtidos pode-se notar a necessidade de melhorar como a organização do trabalho encontra-se estabelecida, seja de forma estrutural e/ou financeira, para que seus colaboradores possam obter ainda mais resultados significativos em sua carreira profissional.

Encontra-se pouco material disponível que abordem o prazer e sofrimento no trabalho de Agente Penitenciário, pois o que mais se encontra são materiais voltadas a fatores estressantes no trabalho, não sendo o foco deste trabalho, mas a perspectiva Psicanalítica e Dejouriana quanto a organização do trabalho.

Como futuras linhas de investigação, sugere-se novas pesquisas voltadas ao Estado vigente deste estudo, a nível *Stricto Sensu*, verificando as causas do adoecimento e falta de efetivos. Estudos estes, que podem sugerir criação de políticas públicas, que apontem para a prevenção de adoecimento no trabalho no contexto penitenciário.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, V. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ALVES, V.; BINDER, M. C. P. Trabalhar em penitenciárias: violência referida pelos trabalhadores e (in)satisfação no trabalho. **Brasileira de Saúde Ocupacional**. v. 39. 2014. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/114487/S0303-76572014000100050.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 18 out. 2018.

ANDRADE, A. K. P. **Saúde, Subjetividade e Trabalho na estratégia Saúde da Família Fluvial no Interior do Amazonas: Uma análise Dejouriana**. [Dissertação apresentada ao programa de Mestrado em Condições de Vida e Situações de Saúde na Amazônia]. 85p. 2017. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/3.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2019.

AUGUSTO, M. M.; FREITAS, L. G.; MENDES, A. M. Vivências de prazer e sofrimento no trabalho de profissionais de uma fundação pública de pesquisa. **Psicologia em revista**. v. 20, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/>>

article/view/P.16789523.2014v20n1p34/7145>. Acesso em: 18 out. 2018.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENDASSOLLI, P. F.; SOBOLL, L. A. P. (Org.). **Clínicas do Trabalho**: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade. São Paulo: Atlas, 2011.

CARVALHO, S. M.; GAGLIARDI, É. C. V. O risco de adoecimento de agentes penitenciário. **Gestão & Saúde**. ed. Especial. 2014. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/8935/1/EG_Artigo%20Cient%c3%adfico_O%20risco%20de%20adoecimento%20de%20agentes%20penitenciarios.pdf>. Acesso em: 24 out. 2019.

CODINHOTO, E. **“Cortinas de Ferro”**: O trabalho real de socioeducadores de uma unidade socioeducativa de internação do estado de Rondônia. [Dissertação apresentada a Universidade Federal de Rondônia - Mestrado].144p. 2014. Disponível em: <<http://www.ri.unir.br/jspui/handle/123456789/1313>>. Acesso em: 31 out. 2018.

DEJOURS, C. **Trabalho Vivo**: Sexualidade e trabalho. Brasília: Paralelo, 2012a.

_____. **Trabalho Vivo**: Trabalho e emancipação. Brasília: Paralelo, 2012b

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do Trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

GLANZNER, C. H. et al. Avaliação de indicadores e vivências de prazer/sofrimento em equipes de saúde da família com o referencial da Psicodinâmica do Trabalho. **Gaúcha de Enfermagem de Enfermagem**. v. 38. n. 4. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rngen/v38n4/1983-1447-rngen-38-04-e2017-0098.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2019.

JASKOWIAK, C. R.; FONTANA, R. T. O trabalho no cárcere: reflexões acerca da saúde do Agente Penitenciário. **Brasileira de Enfermagem**. v. 68, 2015. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/2670/267040408008/>>. Acesso em: 18 out. 2018.

OLIVEIRA, J. N.; MENDES, A. M. Sofrimento Psíquico e Estratégias Defensivas Utilizadas por Desempregados: Contribuições da Psicodinâmica do Trabalho. **Temas em Psicologia**. v. 22, n. 2, 2014. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v22n2/v22n2A11.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2018.

PINTO, P. S.; OLIVEIRA, E. S. O estresse no Agente Penitenciário de um município do interior do estado de Rondônia. **Revista Farol**. v. 7, n. 7, 2018. Disponível em: <<http://revista.farol.com.br/index.php/farol/article/view/148/125>>. Acesso em: 01 out. 2018.

REY, F. G.; GOULART, D. M.; BEZERRA, M. S. Ação profissional e subjetividade: para além do conceito de intervenção profissional na psicologia. **Revista educação**. v. 39. n. esp. 2016. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/848/84850103007.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2019.

SOUTO, B. L. C. et al. O trabalho docente em pós-graduação: prazer e sofrimento. **Revista**

de Enfermagem da UFSM. v. 7. n. 1. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/22871/pdf>>. Acesso em: 02 out. 2019.

SOUZA, M. P. A negociação estratégica defensiva na dinâmica organizacional. In: JAMIL, G. L.; PESSOA, C. R. M. **Estratégias defensivas.** Assegurando vantagens competitivas já conquistadas. Rio de Janeiro: Nova Terra, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.uportu.pt:8080/handle/11328/2361>>. Acesso em: 23 out 2019. p. 305-320.

TSCHIEDEL, R. M.; MONTEIRO, J. K. Prazer e sofrimento no trabalho das agentes de segurança penitenciária. **Estudos de Psicologia.** v. 18, 2013. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/261/26128793013/>>. Acesso em: 18 out. 2018.

Recebido para publicação em setembro de 2020.
Aprovado para publicação em outubro de 2020.